

**ODE AOS PEREBAS DO FUTEBOL**

Luiz Antonio Simas é um historiador e escritor que lançou recentemente um livro sobre futebol, "Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea", vencedor do prêmio Jabuti como um dos melhores livros de não ficção de 2016, que acabei de ler e recomendo a todos que gostam de futebol. Não é um livro sobre futebol apenas, mas sobre o futebol de várzea e clubes sem grande reconhecimento nacional, conta histórias de times pequenos, derrotas, sonhos desfeitos de quem pratica o futebol de menor expressão, como fiz em meu livro "Veterana do Além" sobre a Francana.

Simas é um legítimo seguidor de Aldir Blanc, o letrista famoso e o cronista mais engraçado do Rio de Janeiro, inventor do Waldir Iapetec e outros personagens da fauna carioca. Simas não escreve apenas sobre futebol, foi ele que deu a dica desta crônica ao discorrer sobre o caso da loira fantasma, do bebê-diabo, essas inventações que vira e mexe apareciam na imprensa sensacionalista dos anos 70, tempos de ditadura que alguns otários querem de volta, naqueles jornais que se espremesse saia sangue. Os datenas da vida e outros celerados reacionários viriam depois (antes seria a chamada imprensa marrom, mas agora quase toda a imprensa golpista dominada por meia dúzia de famílias é marrom, não dá mais para discernir se resta algo sério nem para perder tempo com ela).

As histórias de Simas, bem mais elaboradas que as minhas, concentram uma mistura do que é o Brasil "moderno", com sua mistura sincrética de credices, autoritarismo e, inclusive, humor. Para o cronista que vive no Rio, o futebol foi assolado pelo "futebol-empresa", pelo dinheiro a granel que alguns poucos levantam enquanto a massa de clubes e seus jogadores vivem à míngua. Para o autor e para este escriba, "a míngua dos pequenos é a agonia de um modelo civilizatório mais humano, cordato, afável, apaixonado, destinado ao festejo". Seus dez mandamentos do futebol incluem maldição aos que transformam os templos dos jogos em "arenas multiuso com bistrôs e espaços gourmet", permissão para beber nos estádios "a água benta que melhor conduzir ao contato com o sagrado" e "não profanarás a camisa do clube com propagandas de cursos de inglês, bancos, funerárias e produtos de limpeza".

Nos últimos tempos, por conta do tempo dedicado aos netos e da desclassificação precoce da Francana, minha verve de histórias assombrosas tem crescido mais que a legião de "datenas" na TV. Entre elfos, pôneis, unicórnios, leões falantes e princesas de gelo, minha neta Olívia me obriga a inventar histórias fantásticas quando a busco na escola. Dez minutos diários de carro são suficientes para fazer surgir malfeitores como o pombo da Malévola, perigoso facinora que leva e traz informações para a rainha do mal ou os piratas do córrego dos Bagres (Laerte que me absolva desse crime) que andam meio sumidos como os jacarés por causa da seca e do filete de água que restou dentro das calhas concretadas do pequeno curso d'água que corta a velha Franca. É vida que segue.

Mauro Ferreira é arquiteto